

**Pacto para a Terra –  
Terra Viva, Democracia da Terra:  
Um Planeta, Uma Humanidade**  
Um Pacto Popular para Proteger o Planeta e a Cada Um

---

Pela primeira vez na história da humanidade o nosso futuro comum enquanto espécie deixou de ser uma certeza. Com apenas 200 anos na era dos combustíveis fósseis, a humanidade já danificou a Terra o suficiente para assegurar a sua própria extinção. A nossa única opção é curar a terra e, assim fazendo, criar esperança para o nosso futuro – como uma humanidade e como parte da comunidade da Terra.

Pela primeira vez na história da humanidade o nosso futuro comum enquanto espécie já não é certo. Em apenas 200 anos de combustíveis fósseis, a humanidade provocou danos suficientes à Terra para assegurar a sua própria extinção. A nossa única opção é curar a Terra, e ao fazê-lo criar esperança para o nosso futuro - como uma humanidade e parte da comunidade da Terra.

### **Transgredir os Limites Ecológicos e as Fronteiras Planetárias**

Os processos ecológicos que suportam a vida na terra estão a ser quebrados e as fronteiras planetárias transgredidas. O modelo económico e tecnológico dominante, baseado em combustíveis fósseis, não tem em consideração o carácter finito dos recursos e está a desvistar o planeta ao ver-se como separado dos ciclos de renovação da Terra e das leis de retorno ecológico. Transformámos a biosfera ao fazer desaparecer 70% dos prados, 50% das savanas, 45% das florestas decíduas temperadas, e 27% dos biomas de floresta tropical, em prol da agricultura industrializada.<sup>1</sup> Destruímos florestas para plantações de óleos de palma, para cultivo de soja e milho – em nome dos (agro)combustíveis “verdes”.

Continuar neste caminho linear de crise ecológica, económica e política colocou a humanidade em alerta vermelho. Catástrofes ambientais, fome, pobreza, desemprego, crime, conflitos, guerras, migrações forçadas e crises de refugiados estão a privar as pessoas das suas vidas, dos seus meios de subsistência e da sua terra. O solo, a própria base da nossa vida na Terra e da nossa humanidade, está sob ameaça.

Os insustentáveis sistemas agrícolas industriais baseados em combustíveis fósseis resultaram em 2 milhões de hectares de terra abandonada (mais do que o total de área cultivada global)<sup>2</sup> e corroeram e degradaram gravemente 80% das pastagens de África<sup>3</sup>. A agricultura industrial não é, de todo “ Climaticamente Inteligente” - quer se trate de OGM ou de agricultura convencional química e baseada em combustíveis fósseis. De facto, estas práticas têm-nos impedido de mitigar efetivamente a crise climática, e só está a torná-la pior.

Desde 2000 o mundo lançou quase 100 biliões de carbono para a atmosfera.<sup>4</sup> As taxas actuais de aquecimento global irão induzir uma desertificação em grande escala, quebra de cultivos, inundações das cidades costeiras, o derretimento dos glaciares e dos calotes de gelo polar, migrações em massa, extinções generalizadas de flora e fauna, proliferação de doenças e um provável colapso social. Conflitos violentos relacionados com escassez de água e de comida devido às emissões globais de carbono são a consequência previsível.

### **O carbono fóssil tomou conta das nossas vidas**

O carbono fóssil penetrou em todos os aspectos da nossa vida, o nosso ar, água, comida, medicina, combustível e agricultura – poluindo a saúde de cada ecossistema, de cada espécie, cada criança, através de emissões atmosféricas e plásticos, destruindo os processos ecológicos da própria natureza, precisamente os

---

<sup>1</sup> FAO, The State of the World's Land and Water Resources for Food and Agriculture (SOLAW), 2011

<sup>2</sup> Pimentel D. & Burgess M., Soil Erosion Threatens Food Production, Agriculture 2013 3, 443-463.

<sup>3</sup> FAO, Land and Environmental degradation and desertification in Africa, 1995

<sup>4</sup> PCC, Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability, 2014.

processos que ajudariam a controlar a devastação. Os combustíveis fósseis estão a destruir o nosso ar e atmosfera, e tornaram-se na base da nossa alimentação, energia e sistemas de transporte. A nossa água – um bem comum – tem sido privatizada e comodificada por empresas que nos tornam a vendê-la em embalagens de plástico, que destroem ainda mais as nossas águas e oceanos, e a vida que eles contêm. Os nossos solos têm sido devastados por petroquímicos denominados de “fertilizantes” que matam toda a vida no solo, roubando-nos os nutrientes que suportam a vida e que nos seriam devolvidos pelo próprio solo. A nossa dependência de carbono fóssil mudou a forma como pensamos, vivemos, bebemos, comemos e trabalhamos, em detrimento de uma economia baseada na biodiversidade e no carbono vivo e verde.

A nossa adição ao petróleo infiltrou a nossa atividade económica e tem até levado a guerras, matando milhões e desalojando mais milhões ainda.

## **A separação como forma de ver e de ser**

A característica inata do paradigma dominante hoje em dia consiste em vermo-nos a nós mesmos e à vida como separados e insulares, e não como parte do todo. Três percepções ilusórias de separação impedem a correção e transformação da forma como encaramos o solo, a terra, a comida e o trabalho, a economia e a democracia. A primeira consiste em achar que os humanos estão separados da Terra, a segunda que a criação de riqueza no mercado está separada da contribuição de outros – da natureza, dos trabalhadores, das mulheres, dos antepassados, e, a terceira, que as acções estão separadas das consequências e os direitos separados das responsabilidades.

## **O cerco aos comuns**

Os comuns tem sido intercetados dos cidadãos em função dos interesses dos mercados. A apropriação das terras e subsequentes práticas agrícolas industrializadas, quer se trate de plantações de soja para rações animais ou milho para agrocombustíveis, tem uma ligação direta com as alterações climáticas. A utilização dadas às terras está sistematicamente a ser alterada, de sistemas florestais e pequenas quintas mitigadores do clima, para monoculturas industriais de grande escala que na verdade apenas contribuem para as alterações climáticas e para a migração forçada das pessoas.

## **Desigualdade brutal**

Apesar dos protestos generalizados, a desigualdade económica global tem continuado a aumentar. A fatia da riqueza mundial possuída pelos mais ricos continua a aumentar<sup>5</sup>. Os 300 indivíduos mais ricos do mundo aumentaram a sua fortuna em 524 biliões de dólares no ano passado, mais do que o rendimento combinado dos 29 países mais pobres<sup>6</sup>. A desigualdade económica alimenta a violência. Quanto mais desigual é uma sociedade, maiores são os seus índices de violência<sup>7</sup>.

## **O aumento dos conflitos, guerras e migrações forçadas**

Testemunhamos, por todo o mundo, novos conflitos violentos que emergem como consequências ecológicas do modelo económico predatório.

De acordo com a Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação, 40% dos conflitos intraestaduais dos últimos 60 anos foram associados com terra e recursos naturais<sup>8</sup>.

Quer se trate de Punjab em 1984, ou da Síria e Nigéria hoje em dia, os conflitos têm origem na destruição do solo e da água, e na incapacidade da terra em sustentar meios de subsistência e identidade. Historicamente, as culturas têm sido moldadas pela terra, e a diversidade cultural co-evoluíu com a diversidade biológica. Mas os conflitos não são vistos nos seus contextos ecológicos e são, em vez disso, apresentados como conflitos

---

<sup>5</sup> OXFAM, Wealth: having it all and wanting more, 2015.

<sup>6</sup> Savio R., Inequality and Democracy, IPS, 2011.

<sup>7</sup> Wilkinson R. & Pickett K., The Spirit Level, The Equality Trust, 2015.

<sup>8</sup> UNCCD, Desertification. The Invisible Frontline, 2014

religiosos, com a violência e a militarização a serem **oferecidas** como soluções. As economias agressivas e as políticas anti-democráticas alimentam-se de culturas e identidades vulneráveis. As pessoas estão a ser afastadas das suas terras natais aos milhões, como refugiados ecológicos e de guerra. Entre estas culturas e identidades vulneráveis, o terrorismo, extremismo e xenofobia assumem uma forma virulenta. Predominam ciclos viciosos de violência e exclusão – cultural, política e económica.

A falta de regulação ética e ecológica das atividades económicas, desperta o pior da ganância, irresponsabilidade e violência. A economia baseada no comércio livre está-se a tornar-se cada vez mais semelhante à guerra, e cada vez menos como um caminho para o bem estar das pessoas.

## **A Erosão da Democracia e a Ascensão de Políticas de Medo e Ódio**

Sob influência corporativa, os governos actuam cada vez mais em prol das empresas extinguindo uma democracia “das pessoas, pelas pessoas, para as pessoas”. O poder político reflete o 1% do topo da pirâmide económica e esmaga os restantes 99% e com eles a Terra e as suas espécies. O nosso desafio é descobrir como alterar o sistema político dominante de modo a afastar-se de um modelo económico explorador e insustentável. O estado está a transformar-se numa entidade corporativa deixando que as pessoas e o planeta sofram as consequências das alterações climáticas sem penalizações para as empresas que nos trouxeram as crises.

Nos países de Sul, esta transformação ocorreu sob a égide do “Ajuste Estrutural” e “Liberalização do Comércio”, enquanto que na Europa assumiu a denominação de “Austeridade”. É uma forma unilateral de extracção de poder do povo, deixando-o impotente, incapaz de proteger as suas terras, vidas e meios de subsistência. É um sistema que cria insegurança económica e transforma o “medo” do “outro” na principal moeda política para proveitos eleitorais.

Pensar e agir como uma só humanidade é agora um imperativo económico e político para transcender as separações, divisões e conflitos nos quais se baseia o paradigma dominante.

## **Agricultura Industrial – O Elefante na Sala Climática**

Não nos podermos referir às Alterações Climáticas, e às suas consequências muito reais, sem reconhecer o papel central do sistema alimentar industrial e globalizado, que contribui com mais de 40% das emissões de gases de efeito de estufa através da desflorestação, de animais em regimes produtivos concentrados, embalagens de plástico e alumínio, transportes de longa distância e desperdícios alimentares. Não podemos resolver as alterações climáticas sem recorrer a uma agricultura ecológica de pequena escala, baseada na biodiversidade, em sementes vivas e solos vivos e em sistemas alimentares locais com um mínimo de distância percorrida e sem embalagem de plástico. A agricultura ecológica de pequena escala tem um papel essencial na contribuição para a mitigação, adaptação e construção de resistências às alterações climáticas.

A imposição de uma agricultura industrial intensiva baseada em combustíveis fósseis, através da globalização e de “acordos de comércio livre”, é responsável pela grande maioria dos danos sociais e ecológicos atuais. Esta agricultura mercantilista causou 75% da destruição dos solos, 75% da destruição dos recursos hídricos, e poluição dos nossos lagos, rios e oceanos, 93% da diversidade das colheitas extinguiu-se devido à agricultura industrial, através das denominadas sementes “melhoradas” que são nutricionalmente vazias e cheias de tóxicos. Dizer simplesmente que algo é “melhorado” não faz com que seja realmente melhorado. Tal como denominar algo de “Climaticamente Inteligente” não torna inteligente nem traça uma estratégia para combater as alterações climáticas.

A agricultura intensiva industrial também está a criar uma crise na saúde, ao produzir bens nutricionalmente vazios e tóxicos. Neste sistema, há um bilião de pessoas em fome permanente; mais de 2 biliões sofrem de doenças relacionadas com a alimentação. Enquanto finge que alimenta o mundo, a agricultura industrial

desvia grandes porções de terra para produzir bens que são direcionados para agrocombustíveis e rações de animais. Estamos a usar combustíveis fósseis para produzir estas mercadorias tóxicas, em terras roubadas a pessoas, fertilizadas por combustíveis fósseis, embaladas em plásticos derivados de combustíveis fósseis e transportados pelo mundo utilizando combustíveis fósseis, acabando apenas por envenenar as pessoas. São muitos danos, sem qualquer benefício para a humanidade e apenas para o lucro de 1% da população.

Os pobres, que não contribuíram para a crise das alterações climáticas, é quem carrega o peso das catástrofes climáticas. Centenas de milhares perderam as vidas. Milhões estão a perder as suas casas, a serem desenraizados e deslocados, tornando-se refugiados destas políticas neoliberais. A riqueza e os recursos naturais concentrados nas mãos de 1% com exclusão de 99% é uma violação dos direitos da Terra Mãe e dos direitos humanos, e está a levar a conflitos, violência e brutalização da humanidade.

### **Agricultura Ecológica – a Alternativa que protege a Terra e as Pessoas**

A agricultura biológica e ecológica e sistemas alimentares locais são a resposta para a crise da alimentação, nutrição e saúde, para a crise da água e do clima, e irão evitar a criação de milhões de refugiados devido ao clima. A única forma de reduzir a pegada ecológica e aumentar a saúde e o bem-estar humanos é através da construção de economias alimentares locais. Para termos economias alimentares locais precisamos de alimentos locais e para termos alimentos locais precisamos de sementes locais, as sementes nas mãos dos agricultores.

Cada semente incorpora milénios de evolução natural e séculos de reprodução pelo agricultor. É a expressão destilada da inteligência da terra e da inteligência das comunidades agrícolas. Os agricultores têm sempre reproduzido sementes para criar diversidade, resiliência, sabor, nutrição, saúde e adaptação aos agro-ecossistemas locais. Em tempos de alterações climáticas precisamos da biodiversidade das variedades dos agricultores que se adaptam e evoluem.

Os pequenos agricultores estão a fornecer 70% da comida global utilizando 30% dos recursos que são direcionados para a agricultura. A agricultura industrial usa 70% dos recursos para criar 40% das emissões de carbono enquanto que apenas fornece 30% da nossa comida.

A agricultura biológica retira, através da fotossíntese, o dióxido de carbono em excesso da atmosfera, onde este não pertence, e recoloca-o no solo onde pertence. Também aumenta a capacidade de retenção de água do solo, contribuindo para uma maior resiliência em tempos de seca, cheias ou outros extremos climáticos. A agricultura biológica tem o potencial de sequestrar 10 milhões de toneladas de dióxido de carbono, equivalente à quantidade que é necessário retirar da atmosfera para manter o carbono atmosférico abaixo das 350 partes por milhão, e um aumento médio de temperatura de 2 graus centígrados. Nós podemos fazer a ponte entre a falha das emissões através da agricultura ecológica agora, e não num momento eventual do futuro.

Por todo o mundo, os pequenos agricultores e jardineiros já estão a implementar este tipo de agricultura preservando e desenvolvendo os seus solos, as suas sementes, o seu conhecimento tradicional. Estão a alimentar as suas comunidades com alimentos saudáveis e nutritivos enquanto preservam o planeta. Estão desta forma a semear as sementes de uma democracia alimentar – um sistema alimentar nas mãos dos agricultores e consumidores, livre de quilómetros de transporte e de plásticos.

### **Um novo Pacto entre os humanos e a Terra**

A nossa sobrevivência exige que façamos um novo pacto com a Terra e entre os diversos povos, baseado numa nova visão de cidadania planetária. Um pacto baseado na reciprocidade, no cuidar e no respeito, em tirar e dar de volta, em partilhar os recursos do mundo de forma equitativa entre todas as espécies vivas. Começa por ver, encarar e cuidar do solo como uma entidade viva, a Terra Viva, cuja sobrevivência é essencial à nossa própria vida.

O futuro será cultivado a partir do solo e crescerá da terra, e não mais do distorcido mercado global das finanças fictícias, da figura corporativa e do consumismo. Deixámos de nos ver como parte do solo – o ecocentrismo deu lugar ao antropocentrismo e está agora a abrir caminho para o corporativo-centrismo. Precisamos de sair desta visão global centrada na corporação para uma centrada na Família Terrestre. Onde quer que nos encontremos neste planeta, em toda a nossa diversidade, o solo é a nossa pedra basilar. A Terra é o nosso lar. Como cidadãos da Terra, temos de reclamar da manipulação e ganância corporativas, e cuidar dela, juntos, em reconhecimento da nossa humanidade e responsabilidade comuns.

Estamos no limiar de uma transição do paradigma antropocêntrico que encara os indivíduos com poder e as corporações como mestres, conquistadores e donos proprietários da Terra, um paradigma baseado no colonialismo e num industrialismo baseado em combustíveis fósseis, para um paradigma de Democracia da Terra que reconhece que somos todos membros da Comunidade Terrestre. Como cidadãos da Terra temos o dever de cuidar de todos os seres vivos, e partilhar as dádivas da Terra, com todas as pessoas. Ao sairmos de uma cultura de ganância e de apropriação e dos ciclos viciosos de violência que esta desencadeia, podemos começar a criar ciclos virtuosos de não violência; saímos de economias de morte e destruição para economias vivas que sustentam a vida na terra e as nossas vidas; transformamos políticas e culturas negativas que estão a levar à aniquilação mútua, para democracias vivas que incluem a preocupação pela vida e a participação de toda a vida.

Na véspera da Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, o mundo inteiro está a olhar para Paris. O encontro histórico deve ser um convite para que todos os povos do mundo façam corajosamente a mudança de um paradigma de exploração para um de gratidão e de retribuição, da privatização e inacessibilidade aos bens comuns para a defesa do nosso solo, sementes, alimentos, água e ar comuns. A crise climática, a crise alimentar, a crise da água, estão interconectadas e também o estão as suas soluções. Não podem ser vistas de forma separada.

***A Vida está em jogo, a vida da Terra bem como a nossa.  
Os governos, sob a influência das corporações, podem falhar em Paris –  
mas nós como cidadãos não podemos.***

***Enquanto cidadãos deste planeta belo e abundante, fazemos um pacto com a Terra,  
para protegê-la, cuidar dela, e devolver-lhe as dádivas que nos providencia, com gratidão e amor.***

**1. No solo vivo assenta a prosperidade e segurança da civilização. Na destruição do solo está a destruição da civilização.**

O nosso futuro é inseparável do futuro da Terra.

**Comprometemo-nos a proteger os nossos solos e a biodiversidade.** Os nossos solos vivos tornar-se-ão reservatórios de água e depósitos de carbono. A agricultura ecológica e regenerativa assenta na reciclagem de matéria orgânica, e, assim, na reciclagem de nutrientes. Iremos restituir carvão vivo, como matéria orgânica, na terra, com gratidão e responsabilidade, com base na Lei da Restituição, ajudando assim a mitigar, adaptar e construir resistência às alterações climáticas. Como disse Sir Albert Howard, “Tirar sem dar é um roubo do solo, uma forma particularmente má de banditismo, porque envolve o roubo de gerações futuras que não estão cá para se defender.”

**2. As nossas sementes e a biodiversidade, os nossos solos e água, o nosso ar, atmosfera e clima são bens comuns.**

As dádivas da terra que são vitais para a vida sempre foram de todos, dos comuns, com deveres de protecção comuns e direitos comuns de deles obter sustento. As nossas sementes e a biodiversidade são um bem comum. O seu aprisionamento através de patentes equivale a empurrar a diversidade para a extinção e os agricultores para uma armadilha de endividamento. O solo é a própria base da nossa vida e dos nossos

alimentos. A água é um bem comum. Não é uma mercadoria. Ela é o sustento da nossa vida. O ar e a atmosfera são bens comuns que nos dão ar puro para respirar e dão à Gaia a capacidade de regular o clima. Poluir o ar e da atmosfera com gases de efeito de estufa, e comercializar emissões é uma privatização deste bem comum. Não aceitamos o aprisionamento e privatização dos nossos comuns. Iremos defendê-los e retomá-los com cuidado, cooperação e solidariedade.

### **3. A Liberdade das Sementes e a Biodiversidade estão na Fundação da Liberdade Alimentar e da Resiliência Climática**

Nós comprometemo-nos a defender a liberdade das sementes, tal como a liberdade das diversas espécies a evoluir, em integridade, auto-organização, e diversidade; e a liberdade das comunidades em todo o lado de reclamar as sementes de fonte aberta (open source) como um bem comum. A conservação e troca de sementes de polinização aberta, não OGM e não patenteadas, é um direito inalienável. Os direitos dos agricultores não são negociáveis. Iremos resistir a qualquer lei ou tecnologia que tente minar a liberdade da semente, que está intimamente ligada à liberdade da Mãe Terra de modo a que as gerações vindouras sejam tão afortunadas como nós fomos em receber as suas dádivas de diversidade, nutrição e meios de subsistência. Nós juntamo-nos e estamos unidos pelas nossas sementes e dizemos não aos OGMs, não às patentes.

### **4. A Agricultura Industrial Globalizada é uma das principais responsáveis pela Crise Climática**

A agricultura Industrial Globalizada contribui com mais de 40% dos gases com efeito de estufa que estão a desestabilizar o clima através de desflorestação, fertilizantes baseados em combustíveis fósseis, embalagem, processamento, refrigeração e transporte de longo curso.

Sabendo que é uma das causas das alterações climáticas, nós não aceitamos a Agricultura Industrial como solução para a crise climática e a fome. Nós não reconhecemos falsas soluções para as alterações climáticas tais como geoengenharia, agricultura “climaticamente inteligente”, sementes “melhoradas” por engenharia genética, ou “intensificação sustentável

### **5. A agricultura ecológica, de pequena escala e os sistemas alimentares locais podem alimentar a população e arrefecer o planeta**

Nós assumimos o compromisso de praticar e proteger uma agricultura ecológica de pequena escala que produz mais saúde e nutrição por hectare e fornece 70% da alimentação que comemos, enquanto rejuvenesce os nossos solos, biodiversidade e sistemas hídricos, e estabiliza o clima. Nós apoiaremos e criaremos sistemas alimentares locais que dão a resposta à crise alimentar, de nutrição e saúde, bem como à crise climática. A agricultura de pequena escala, biológica, ecológica e os sistemas alimentares locais podem alimentar o mundo enquanto arrefecem o planeta.

### **6. O “Comércio Livre” como Liberdade das Corporações é uma ameaça ao planeta e às nossas liberdades**

A “Liberdade” foi açambarcada pelo “Comércio Livre” que substituiu a liberdade das pessoas e a liberdade da vida do planeta e das suas diversas espécies para livremente evoluírem e se nutrirem, por liberdade das corporações para destruir o planeta e as economias vivas que mantêm as pessoas. A desestabilização ecológica e social do mundo nas últimas duas décadas é o resultado da desregulação do comércio através de acordos de “comércio livre” da Organização Mundial do Comércio (OMC), fabricados e escritos por corporações, para benefício das corporações.

Nós assumimos o compromisso de resistir a tentativas de forçar novos acordos de comércio “livre” tais como TTIP, TPP e acordos comerciais regionais e bilaterais que se baseiam nos direitos corporativos e na personalidade corporativa e que, de facto, desmantelam os direitos humanos e as nossas democracias e constituições. Nós não reconhecemos as corporações como pessoas. Elas são entidades legais que a sociedade dá permissão para existirem dentro dos limites da responsabilidade social, ecológica e ética; as

corporações com responsabilidade pelas alterações climáticas estão sujeitas ao Princípio do Poluidor-Pagador.

## **7. As economias locais vivas protegem a terra, criam trabalho significativo, e satisfazem as nossas necessidades e bem-estar.**

As economias locais vivas baseadas na lei de retorno e regeneração do mundo natural e da sociedade alimentam toda a vida. Os dons da Natureza e as pessoas não podem ser reduzidas a *'inputs'*. As economias que visam a vida e o bem-estar das pessoas em vez dos lucros das corporações, rejuvenescem e regeneram recursos e trabalham para todos e para as futuras gerações. Nós não participaremos nos sistemas de produção e consumo, incluindo a agricultura e o sistema alimentar industriais, que destroem os processos ecológicos da Terra, os solos e a biodiversidade e deslocam e desenraízam milhões de pessoas da terra. Nas economias vivas não existe desperdício nem pessoas desperdiçadas ou descartáveis.

## **8. Democracias vivas e Participativas são a fundação da Democracia da Terra**

Nós assumimos o compromisso de criar democracias vivas e Participativas e resistir a todas as tentativas de açambarcamento das nossas democracias por poderosos interesses. Organizar-nos-emos segundo princípios de partilha, inclusão, diversidade, e o dever de cuidar do planeta e dos outros. Comprometer-nos-emos a sair do círculo vicioso de violência e degeneração, e a criar círculos virtuosos baseados em não-violência e regeneração para o bem-estar de todas as pessoas e todas as espécies. Não seremos divididos pelo medo ou ódio, mas ficaremos unidos como membros de um Planeta e uma Humanidade. E, em conformidade com o princípio de Ghandi, quando regras e leis interferem com as leis superiores que dimanam da terra e da nossa humanidade, iremos colectivamente encontrar a coragem para não cooperar.

## **9. Nós somos membros da Comunidade da Terra em que todas as espécies, pessoas, culturas têm valor intrínseco e direito à subsistência.**

Nós criaremos a Democracia da Terra numa Terra vibrante e abundante - Terra Viva - que reconhece o valor intrínseco de todas as espécies e todas as pessoas. Porque todas as pessoas e todas as espécies são diversas pela sua própria natureza, reconhece-se a diversidade não como algo para ser tolerado, mas algo para ser celebrado como condição essencial da nossa existência. E toda a vida, incluindo todos os seres humanos, têm um direito natural de partilhar a abundância da natureza para garantir a subsistência - solo, alimento, água, espaço ecológico e liberdade evolutiva.

Fazemos um pacto para viver conscientemente como Cidadãos da Terra reconhecendo que a Comunidade da Terra inclui todas as espécies e todas as pessoas na sua diversidade rica e vibrante. Os direitos da Mãe Terra e os direitos humanos não são separáveis uns dos outros e são um *continuum* indivisível.

A violência contra a terra e a injustiça contra a humanidade são parte do mesmo processo. A sustentabilidade não pode ser separada da justiça, direitos humanos e paz.

## **10. Jardins de Esperança em toda a parte**

Cultivaremos comida biológica nas nossas quintas, jardins, varandas, terraços. Plantaremos Jardins de Esperança em toda a parte como símbolo concreto do nosso pacto com a terra e o seu rejuvenescimento. Através de pequenos passos com impacto significativo, dados por milhões de pessoas conscientes do seu poder e agindo em ressonância, harmonia e unidade, nós semearmos as sementes de mudança em direcção a uma nova cidadania planetária, cuidando do Planeta e uns dos outros ao construirmos economias e democracias vivas.

Começamos por plantar um Jardim de Esperança hoje, 9 de Novembro de 2015 no *Jardin Marcotte* em Paris, em conjunto com a *AMAP Ile de France Network* e a *Cultures en Herbes*, como primeiro passo concreto em direcção a uma cidadania planetária.

Continuaremos a plantar jardins de esperança em toda a parte, e a semear as sementes de mudança que conduzirão a uma nova Democracia da Terra baseada na justiça, dignidade, sustentabilidade e paz.